

A MESTRA DOS MANGÜES

A oceanógrafa Yara Schaeffer Novelli mudou a visão do Brasil sobre os manguezais e colocou esses ecossistemas na pauta da conservação ambiental

texto LIANA JOHN foto DANIEL PERA



YARA SCHAEFFER NOVELLI nasceu respirando maresia e cresceu com os pés na areia, as mãos no leme e os olhos no horizonte. Era natural que optasse pela oceanografia ao concluir o curso de História Natural na Universidade do Brasil, em 1965. Mesmo que, para isso, tivesse de se mudar do Rio de Janeiro para uma São Paulo distante do mar. Tinha 22 anos e, naquele tempo, as jovens eram acompanhadas de perto por suas mães. A de Yara fez questão de ir ao Instituto Oceanográfico (IO) no primeiro dia de aula, para ver por onde a filha circularia. Mal sabia que Yara faria do IO sua casa e nunca mais voltaria a morar no Rio. A decisão de se dedicar à pesquisa em ambientes marinhos veio de uma viagem de sonho: 45 dias a bordo de um navio oceanográfico para um curso intensivo com os maiores especialistas, brasileiros e estrangeiros. Eram poucas vagas disponíveis oferecidas pela UNESCO para recém-formados de todo o Brasil. E Yara conseguiu embarcar.

“Foi o mundo. Aquela viagem abriu o resto das janelas que eu precisava para dirigir minha vida. Cada brasileiro trabalhava com um especialista estrangeiro. Tinha um japonês especializado em Oceanografia Química, um russo especialista em Oceanografia Geológica. Eu já me interessava pela área pesqueira e fiquei como auxiliar de um pesquisador norueguês.” Durante a viagem, Yara soube da existência do IO e acertou seu rumo para lá. Ela desembarcaria no final de fevereiro e a pós-graduação em São Paulo iniciaria no dia 14 de março. Mal daria tempo de convencer os pais e arrumar as malas. “O Instituto de Oceanografia era um centro de referência na

América Latina, foi reconhecido mundialmente, e a pós-graduação, muito recente. Éramos um grupo de estudantes oriundos de diversas partes do País e de várias escolas – Biologia, Geologia, Física. Assistíamos às aulas juntos, um do Paraná, um de Pernambuco, eu do Rio. Éramos todos do Brasil e carecendo um do outro”, relembra-se Yara. “Enquanto estávamos lá, o instituto recebeu um novo navio oceanográfico e os professores estavam terminando seus doutorados. Viver essa efervescência, para um jovem, é contagiante. Era um mundo sem fronteiras e a gente precisava comer muito feijão com arroz para acertar os passos com os outros”.

Paralelamente à pós-graduação, Yara começou a dar aulas no Colégio Estadual Costa Manso. “Ali, eu me encontrei. Dava aula de Ciências Físicas e Naturais, mas a escola não tinha laboratório, não tinha nada, então vivia cheia de baldes, papel, plantas, o que quer que pudesse usar para demonstrar a queda dos corpos, flutuação, uma porção de coisas. Embora naquela época não existisse estudo do meio, o diretor arrumou um ônibus para levar os meninos de 10, 11 anos para a praia para ver como os navios boiam.”

Depois de dois anos como professora, Yara foi chamada para fazer pesquisa no IO. Mas já havia sido “picada” pelo “bichinho” do ensino. “Não usava quadro negro, não adotava livro, não queria ninguém decorando. Queria que validassem o que eu dizia por experiência própria. Não era para serem biólogos ou naturalistas. Era para serem cidadãos capazes de olhar em volta e ter respeito pelo

entorno.” O mesmo propósito norteou as pesquisas de Yara nos manguezais, um ecossistema quase desconhecido e desvalorizado naquela época. Nem os pesquisadores da Oceanografia queriam saber daquilo: cheira mal, parece “sujo” e o acesso é difícil. “Mas isso não importava. Eu gostava, gosto muito de estar no campo e acompanhar como a vegetação se comporta, como o meio se comporta”, diz a pesquisadora. “Por isso lecionei no IO com alta dose de trabalho em campo.”

O primeiro contato com o universo dos manguezais aconteceu em 1976, durante um congresso realizado em El Salvador, na América Central. Lá, Yara assistiu a uma apresentação sobre os impactos da carcinocultura (criação de camarões), praticada por americanos e japoneses em áreas de manguezais. “Pensei comigo mesma: temos manguezais no Brasil, por que ninguém fala neles? Por que não aprendi nem na faculdade nem na pós? Ali, em El Salvador, todos tratavam o mangue como berçário do mar, como um grande produtor primário dos oceanos.”

Inconformada, Yara voltou para casa com a missão de descobrir onde estavam os manguezais do Brasil e se deparou com um enorme preconceito: para os brasileiros, mangue era coisa malcheirosa, feita para se aterrar. “Foi uma batalha demonstrar que o mangue faz parte da Oceanografia e tem tudo a ver com a pesca.”

Por dois anos, de 1976 a 1978, a pesquisadora levantou os dados disponíveis sobre manguezais brasileiros. Percebeu que o tema era tão extenso que não daria conta dele sozinha. E se atribuiu a missão de multiplicar o conhecimento. Então, credenciou uma disciplina no IO, que ainda ministra, mais de 30 anos depois. Adotou uma metodologia de estudo do mangue e também saiu pelo País dando minicursos. Assim, formou equipes credenciadas com a mesma metodologia, que produzem dados compatíveis.

Em 1983, para atender à recém-regulamentada política nacional de meio ambiente, foi nomeada perita judicial e deu parecer sobre o derramamento de petróleo de um duto da Petrobras no manguezal de Bertioga. A avaliação dos efeitos em longo prazo do derramamento ainda faz parte de sua pauta. Levou dezenas de alunos e jornalistas até lá para apontar *in loco* as consequências do desastre, conseguindo disseminar informações. Em 1988, quando o Ministério do Meio Ambiente realizou reuniões para definir as prioridades de conservação em cada bioma brasileiro, conseguiu dar prioridade aos mangues e arrumou recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para montar uma expedição ao Amapá, que tem manguezais com árvores até 30 m de altura, em faixas de até 100 km de largura a partir do litoral, sobre os quais se conhecia pouquíssimo (para não dizer praticamente nada).

“A expedição foi um desafio logístico: levamos até água

para dez dias”, conta. “Fomos de avião para Macapá, de carro até Amapazinho, onde pegamos um barco para descer os rios Flechal e Amapá. Em alguns trechos, tínhamos de esperar 12 horas parados para a maré subir e o barco conseguir passar.” A mala de equipamentos pesava 30 kg e, para instalar os instrumentos de medição no mangue, os pesquisadores precisavam de um “guarda-costas” que ficava vigiando em um ponto estratégico, para avisar caso alguma onça se aproximasse ou, pior, se aparecessem as manadas de búfalos que foram introduzidas na região há anos e voltaram ao estado selvagem.

“Podemos sentir na pele a dificuldade do terreno e as forças que modelam a paisagem. Ali, o homem tem de andar realmente de acordo com as forças da natureza, não dá para mandar em nada. Era como participar daquelas grandes expedições dos geógrafos, dos naturalistas, que saíam para desvendar uma série de problemas. Foi lindíssimo, um investimento extremamente bem aplicado, com resultados repassados ao governo estadual e a pesquisadores de outros países, utilizados e citados até hoje.”

Com expedições desse porte ou com o trabalho de formi-



Yara e alunos de graduação participam da identificação da cor do sedimento de um mangue na Ilha de Pai Matos, Cananeia, São Paulo

guinha dos minicursos, o fato é que Yara Schaeffer Novelli mudou a visão do Brasil sobre seus manguezais e colocou esses ecossistemas na pauta da conservação. Seus muitos alunos, orientandos e admiradores foram “contaminados” com sucesso por sua paixão pelo conhecimento, por sua dedicação sem limites e agora repassam o que aprenderam com ela para novas gerações de alunos. É como ela diz: “Onde tem mangue no Brasil tem lá um ex-aluno meu para sensibilizar o público sobre a importância do mangue. Tenho muito orgulho disso”. E tem toda razão a mestra dos mangues. |